

## **Educomunicação e cidadania: conceitos e práticas na produção acadêmica entre 2004 e 2008<sup>1</sup>**

Cláudia Regina Lahni<sup>2</sup>  
Fernanda Coelho<sup>3</sup>  
Laila Cupertino Hallack<sup>4</sup>  
Ludyane Chaves Agostini<sup>5</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

**RESUMO:** Este artigo apresenta um estágio recente da produção acadêmica sobre a Educomunicação, em sua relação com a cidadania. Para analisar o estado da arte de pesquisas sobre o tema, mapeamos os artigos apresentados em congressos da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), de 2004 a 2008. O estudo traz uma discussão voltada para a Educomunicação, entendida como leitura crítica dos meios, a partir da base teórica de Paulo Freire e de Mario Kaplún. Buscou-se verificar conceitos e procedimentos comuns em tais projetos e pesquisas e sua relação com a cidadania.

**Palavras-chave:** Cidadania; Identidade; Educomunicação; Leitura crítica dos meios; Estado da arte.

### **INTRODUÇÃO**

A informação é fundamental para a cidadania, conforme salientado, entre outros, por Dalmo Dallari (2002). Para o autor, “o primeiro passo para se chegar à plena proteção dos direitos é informar e conscientizar as pessoas sobre a existência de seus direitos e a necessidade e possibilidade de defendê-los”. Afinal, “quando alguém não sabe que tem um direito ou dispõe apenas de informações vagas e imprecisas sobre ele,

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Cláudia Regina Lahni é professora do PPGCOM e docente de Comunicação Comunitária da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Coordena o projeto Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária, financiado pela Fapemig, e o Núcleo sobre o Território e a Cidade da Casa de Cultura da UFJF. Participa do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidade e Cidadania (UFJF-CNPq). É mestra e doutora em Ciências da Comunicação pela ECA-USP. [clahni@yahoo.com.br](mailto:clahni@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> Mestranda do PPGCOM/UFJF. Bolsista Fapemig. [fernandahauck@yahoo.com.br](mailto:fernandahauck@yahoo.com.br).

<sup>4</sup> Graduanda em Comunicação Social pela UFJF. Bolsista BIC – UFJF. [lailahallack@yahoo.com.br](mailto:lailahallack@yahoo.com.br)

<sup>5</sup> Graduanda em Comunicação Social pela UFJF. Bolsista de Extensão – UFJF. [lca\\_ufjf@yahoo.com.br](mailto:lca_ufjf@yahoo.com.br)



é pouco provável que venha a tomar alguma atitude em defesa desse direito ou que vise à sua aplicação prática” (Dallari, 2002:69).

Também nesse sentido, Manzini-Covre (2001:10) liga a cidadania à prática da reivindicação, apropriação de espaços e exercício de direitos, sendo que, para isso, o primeiro pressuposto “é que esteja assegurado o direito de reivindicar os direitos, e que o conhecimento deste se estenda cada vez mais a toda a população”.

Norberto Bobbio (1992) também salienta a importância da participação popular para a democracia. Além da importância da informação, o filósofo aponta, como remédio para reavivar a participação política, o controle popular dos meios de informação e de propaganda. Esta também é uma preocupação de Juan Díaz Bordenave (1992:70), para quem “a participação de todos os setores da população na democracia do futuro depende da adequada utilização da comunicação tanto no nível dos pequenos grupos como no nível das massas espalhadas em todo o território do país”. Ele relaciona a participação, a comunicação e a educação em prol da sociedade democrática.

Participação e comunicação são temas refletidos por Peruzzo. Sobre a ampliação de direitos, a autora avalia que, além de ter direitos políticos e outros respeitados, “em pleno século XXI, ser cidadão significa [...] também comunicar-se através dos meios tecnológicos que a humanidade desenvolveu e colocou a serviço de todos” (Peruzzo, 2002:85). Nesses três últimos autores temos, portanto, a defesa do direito à comunicação, entendida enquanto poder emitir suas (e do seu grupo) informações, questões e opiniões, no sentido de pluralidade. Recentemente, cresce o debate e a reivindicação pelo exercício de tal direito, com vistas à democratização da comunicação.

Murilo César Ramos (2005, 245) aponta que

as forças democráticas e populares hoje, quando postas diante do desafio urgente de buscar uma cada vez maior democratização dos meios de comunicação, precisam atentar para o fato básico de que a comunicação é portadora de um novo direito social, o *direito à comunicação*, que podemos considerar ‘de quarta geração’, mas que está ainda muito longe de ser reconhecido como tal.

Por sua vez, Marc Raboy (2005) examina o impacto das mudanças que acompanharam a globalização no tocante às suas implicações diversas para a mídia. Diferente do imaginado, tem-se uma maior concentração da comunicação, com reforço dos conglomerados. Dadas essas e outras características da Sociedade da Informação, o



autor retoma questões de governança e regulação da mídia, além de ações da sociedade civil, visando à democratização da comunicação.

Raboy defende uma junção de propostas de reformas da mídia dominante e da mídia alternativa, com intervenção política, pesquisa e educação.

A democratização da mídia será baseada numa bem-sucedida realização de cinco tipos de intervenção, lideradas por cinco conjuntos de atores:

- . análise crítica contínua das questões da mídia (pesquisadores);
  - . esforços de alfabetização midiática (educadores);
  - . construção e operação de mídias autônomas (operadores de mídia alternativa);
  - . práticas progressistas dentro da mídia dominante (jornalistas, editores, publicadores etc.); e
  - . intervenção política (atividades quanto às políticas para as mídias).
- (Raboy, 2005, 194).

É em acordo com essas reflexões e indicações que temos trabalhado em extensão e pesquisa com educomunicação (entendendo que os esforços de alfabetização midiática são também tarefa de comunicadores). Assim, este artigo tem o objetivo de apresentar um estudo inicial sobre o estado da arte de pesquisas e projetos de Educomunicação. Para isso, mapeamos e discutimos a produção acadêmica relacionada ao tema e buscamos identificar aspectos comuns que podem auxiliar na interpretação do atual estágio de estudos sobre o tema.

O trabalho faz parte de uma das etapas da pesquisa “Educomunicação e identidade: estudo de projetos de leitura crítica da mídia e sua influência na identidade e cidadania dos que nele participam”<sup>6</sup>. Entre outros, seus objetivos são verificar procedimentos comuns em trabalhos de leitura crítica da mídia e mudanças na formação de professores e estudantes de comunicação, que participam de tais projetos. Isso, com base na concepção de Paulo Freire de que o educador se educa ao educar, já que tal ação se faz conjuntamente.

A partir da análise de artigos apresentados nos congressos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (Compós), discutimos o

---

<sup>6</sup> A pesquisa, cujo projeto foi aprovado pelo Departamento de Jornalismo e pela Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de Juiz de Fora, é coordenada pela Profa.Dra. Cláudia Regina Lahni e tem a participação de Fernanda Coelho (bolsista Fapemig) desde dezembro de 2008, de Laila Cupertino Hallack (BIC-UFJF) e de Ludyane Agostini (bolsista Proexc-UFJF), desde julho de 2008. A previsão de término dos trabalhos é julho de 2010. Trata-se de parte do conjunto de investigações que integra o “Comunicação para a cidadania: tecnologias, identidade e ação comunitária”, projeto de extensão em interface com a pesquisa, financiado pela Fapemig.



conceito de Educomunicação e iniciamos um debate sobre o desenvolvimento da prática, tendo como base reflexões de Paulo Freire, Mario Kaplún e outros autores.

### **Educomunicação**

Sabemos que a Educação e a Comunicação são ferramentas eficazes para a manutenção da estrutura social que conhecemos. No entanto, também constituem o caminho para a possibilidade de mudança do *status quo*. Isso porque são processos em que, quando permitido e estimulado, o diálogo é estabelecido, o que promove a construção de um conhecimento em que nos percebemos como sujeitos da construção e não apenas como coadjuvantes.

Dois autores pioneiros tiveram como cerne os estudos da educação em interface com a comunicação: Paulo Freire e Mário Kaplún. O primeiro, dedicado à pedagogia, já iniciou as discussões do que viria a ser conhecido por Educomunicação ou leitura crítica dos meios.

Freire aponta que as massas populares estão submetidas à “cultura do silêncio”, o que podemos pensar especialmente com relação aos meios de comunicação de massa. Essa realidade opressora, em que as pessoas não podem manifestar suas opiniões e anseios, pode ser quebrada através da educação. “Quanto mais as massas populares desvelam a realidade objetiva e desafiadora sobre a qual eles devem incidir sua ação transformadora, tanto mais se inserem nela criticamente”. (FREIRE, 1985, p.42).

Mario Kaplún teve como centro de seus estudos a educação e a comunicação, como ferramenta básica para a cidadania e a inserção social. O autor defende a educação comunicativa, em que um diálogo eficaz, no qual o educando é emissor e receptor de mensagens, possibilita uma comunicação horizontal, mais rica em trocas e mais próxima de uma construção democrática de conhecimento.

Para o autor, não bastam que os setores populares tenham acesso a meios de comunicação para que a participação se torne uma realidade, na qual estes devem ser protagonistas do processo e não meramente espectadores. A comunicação também deve servir para a mobilização de ações comunitárias e, para isso, aqueles que dela fazem parte não devem se sentir “lejanos y ajenos los mensajes que se le proponen sino que los sienta suyos, propios; que se reconozca en ellos” (KAPLÚN, 1998, P.80). O mesmo se verifica no processo educativo.

O método de leitura crítica, para Kaplún, propõe um receptor ativo e crítico diante dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação de massa. Contudo, o acesso à informação não garante que as pessoas sejam mais ativas no processo.

La criticidad es algo que no se puede enseñar ni aprender, que no si puede transmitir ni transferir como se transfere un teorema de matemática una fórmula química. La capacidad crítica no se recibe de otro: se ejercita. Debe ser un proceso de auto-descubrimiento. (KAPLÚN apud BORTOLIEIRO, 2006, p.85)

A possibilidade de ação transformadora e de inserção na sociedade como sujeito autônomo e consciente constitui o alcance pleno do exercício da cidadania. Como Peruzzo salienta, existem algumas noções fundamentais que costuram o entendimento da cidadania:

Primeiro: o cidadão tem direitos e deveres. A participação política, a responsabilidade pelo conjunto da coletividade, o cumprimento das normas de interesse público, são deveres, por exemplo. Segundo: cidadania é histórica. Varia no tempo e no espaço, varia conforme o período histórico e o contexto vivido. Portanto, cabe sempre perguntar quem pode exercer plenamente a cidadania. Terceiro: cidadania é sempre uma conquista do povo. A ampliação dos direitos de cidadania depende da “capacidade política” dos cidadãos, da qualidade participativa desenvolvida. Quarto: as formas de participação decorrem do tipo de sociedade política em que se vive. Quinto: cidadania não se encerra nas suas dimensões de liberdade individual e participação política, mas inclui os direitos sociais e coletivos. (PERUZZO, 2002: 5)

Diante disso, a Educomunicação se coloca como um importante trabalho para a transformação dos indivíduos, na medida em que pauta a urgência de uma educação complexa, dialógica e consoante com a realidade e os instrumentos disponíveis nesse contexto; e a promoção do acesso democrático dos cidadãos à produção e difusão da informação. Criar e desenvolver análise crítica através de reflexões e ações; identificar como o mundo é editado pelos meios e possibilitar o uso criativo dos meios de comunicação e uma expressão comunicativa são ações da Educomunicação.

En la medida em que sigamos asumiendo el clásico papel de emisores, de poseedores de la verdad que dictamos a verdad a los que no “no saben”, en la medida en que sigamos depositando informaciones e ideas ya “digeridas” en la mente de nuestros destinatarios, por libertadores y progressistas que sean los contenidos de nuestros mensajes, continuaremos siendo tributarios de una comunicación autoritaria, vertical, unidireccional. (KAPLÚN, 1998, p. 27)



A seguir, apresentamos trabalhos sobre Educomunicação, em congressos da Intercom e da Compós.

## **INTERCOM**

Para o estudo sobre o tema Educomunicação em congressos nacionais da Intercom, foram analisados os artigos de 2004 a 2008. Analisamos ano por ano, separadamente, para mais tarde tecermos uma comparação e análise diante das reflexões apresentadas sobre o conceito.

De 2004, selecionamos oito artigos que avaliamos ter ligação com a Educomunicação. Destes artigos, apenas dois citam o termo, já no título: “Educomunicação no trânsito de Cascavel: uma reflexão através de abordagem da mídia local”, de Clélia Maria Pogozelski Oliveira, Ariane Patrícia Domenegato e Rut Ramos Moretto, da Universidade Paranaense (Unipar), e “Possibilidades de gestão em ecossistemas educacionais – o contexto da rádio comunitária”, de Ana Paula de Moraes Teixeira, do Centro Universitário de Votuporanga (Unifev).

Dentre os oito artigos selecionados, cinco tratam de projetos realizados com a comunidade, atendendo adolescentes, crianças e adultos. Do total, seis utilizam o rádio como veículo, os outros dois trabalham com fotografia, internet e teatro, atividades físicas e oficinas pedagógicas. Dos artigos que tratam de projetos com a comunidade, três estão ligados a universidades e a outra metade a ONGs e a prefeituras.

Apesar do termo não aparecer em alguns dos artigos de 2004, notamos a presença de expressões como “comunicação para a cidadania” e “comunicação comunitária”, o que remete aos pressupostos que norteiam a Educomunicação.

Destacamos o artigo “Olhares diversos: a produção de imagens de meninos e meninas do Morro do Cascalho”, de Elisa Rezende, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), que ilustra o que propõe Paulo Freire ao dizer que a comunicação é a chave para uma educação transformadora. O trabalho analisa a experiência da produção de site e fotografia, realizadas com adolescentes da favela do Morro do Cascalho, zona oeste de Belo Horizonte. Através do projeto, eles viram a possibilidade de aprender e vivenciar o processo criador.

Tratam-se de meninos e meninas que estão na condição de receberem as piores imagens do mundo e deles mesmos. (...) São vistos de forma estereotipada, preconceituosa, sem singularidade, sem individualidade. No momento em que eles têm a possibilidade de produzir imagens com sua

própria visão do mundo, do entorno, do outro, do igual e das coisas que constroem suas existências, eles se singularizam como produtores.  
(REZENDE, Elisa)

Em 2005, percebemos um aumento no número de artigos relacionados à Educomunicação, 28 ao todo. Desse total, 12 utilizam o termo no trabalho, sendo cinco no título. Quanto ao uso da comunicação em processos educacionais contabilizamos 14 artigos. Entre os veículos utilizados aparece o rádio, a fotografia, o jornal e revistas. Os projetos são idealizados ou contam com apoio de universidades, escolas e prefeitura.

Em 2006, encontramos sete artigos com títulos relacionados ao nosso estudo, sendo que um deles estava na categoria Publicom, que se refere à apresentação de uma obra. Nesse caso, o livro “Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún”, apresentado por Maria Aparecida Ferrari, José Marques de Melo e Maria Cristina Gobbi, também é considerado uma referência sobre a Educomunicação. Entretanto, para a análise completa, em que nos detemos à leitura de artigos apresentados, desconsideramos a interpretação da obra.

Em apenas dois dos artigos de 2006 não há o uso do termo Educomunicação. Em todos os outros quatro é aplicado o conceito de leitura crítica dos meios e o uso de veículos ou tecnologias da comunicação para a educação. O trabalho “EducomRádio.Centro-oeste, uma política pública rumo a autonomia”, de Eliany Salvatierra Machado (Casper) e Patrícia Horta Alves (NCE) apresenta outra definição. A Educomunicação é vista também como mediação tecnológica da comunicação no espaço escolar, como ferramenta de integração.

Contudo, nos artigos em que a palavra não aparece é possível identificar o que os autores entendem sobre a relação entre a educação e comunicação. No artigo “A comunicação e a educação na promoção da inclusão digital: o caso da escola de informática e cidadania Rede Amiga da Criança”, de Kamila de Mesquita Campos, Elen Barbosa Mateus e Karla Maria Silva de Miranda (UFMA), as autoras entendem que a correlação das áreas transcende o debate do acesso às tecnologias de informação e seu uso como instrumento pedagógico. “O status dessa relação evidencia algo maior: o de ser fator preponderante para a construção da cidadania através de sujeitos ativos e transformadores da realidade”, (CAMPOS, MATEUS e MIRANDA, p. 11, 2006).

Em 2006, somente o artigo “Relações político-sociais da educomunicação no Amazonas”, de Fabiane Maia Garcia, João Bosco Ferreira, Marilene Corrêa da Silva de



Freitas e Narciso Júlio Freire Lobo (UFAM), não descreve um projeto prático. A reflexão teórica, segundo os autores, é feita com base em vivências em processos comunicacionais e educacionais no Amazonas, mas o trabalho não detalha quais experiências são essas. No artigo, enfatiza-se a relação entre comunicação e educação para a formação humana, na medida em que o uso das tecnologias, sem isolar os processos midiáticos do contexto político, incentiva a participação dialógica.

Em dois projetos o veículo utilizado para a prática é o rádio e nos outros três são utilizados o vídeo, a fotografia e a informática. A maioria dos projetos se refere a iniciativas de universidades, com apenas uma exceção.

Constatamos ao longo da nossa pesquisa que as iniciativas de Educomunicação quase sempre partem das universidades e de ONGs. Por outro lado, alguns projetos recebem o apoio e firmam parcerias com o poder público. É o caso do exemplo apresentado no artigo “EducomRádio.Centro-oeste, uma política pública rumo à autonomia”. O Governo Federal através do MEC e as Secretarias de Estado do MS, MT e Go, junto ao NCE-ECA da USP, implantaram em 70 escolas da rede pública, entre novembro de 2003 e dezembro de 2005, cursos para formação de profissionais da educação para o uso da linguagem e da produção radiofônica no ambiente escolar. A iniciativa destaca a importância da inserção dessa prática na grade escolar, o que pode ser incentivado com o apoio do poder público. Segundo as autoras, isso propicia a introdução dos recursos da informação e da comunicação no ambiente educativo, não apenas como instrumentos didáticos ou objeto de análise, mas, principalmente, como meio de expressão e produção de práticas culturais (ALVES e MACHADO, p. 8, 2006).

O Intercom Nacional de 2007 teve como tema central Mercado e Comunicação na Sociedade Digital. Nesse ano foram selecionados 16 artigos dos quais nove citam o termo Educomunicação, sendo quatro deles no próprio título. Apesar de não citarem o termo, os outros sete artigos assim como analisado anteriormente remetem ao termo em expressões como: “inter-relação entre educação e comunicação” ou “mídia alternativa”.

Do total de artigos em 2007, 12 referem-se a projetos específicos que trabalham a Educomunicação. Neles, estão envolvidos jovens, crianças, adultos e, agora, aparecem também os idosos, como é o caso do trabalho “Vivacidade – uma experiência de produção em rádio e TV com idosos de Campinas”, de Reginaldo Moreira, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas) que conta a experiência de

oficinas de rádio e TV com a terceira idade. Entre os veículos de comunicação utilizados nos projetos estão o rádio, a televisão, a revista, o jornal e as novas tecnologias. Quanto aos órgãos que apóiam ou promovem os projetos, as universidades representam sete artigos, sendo o restante promovido com o apoio de ONGs.

Um dos artigos de 2007 analisa uma rádio escola existente no sertão de Fortaleza, no município de Bonabuiu. A Rádio Cultura do Sertão é uma rádio localizada na Escola de Primeiro Grau Coronel Pergentino Ferreira do assentamento Boa Água. O artigo intitulado “Rádio Cultura do Sertão: a voz e a vez da juventude do semi-árido”, de Tatiana Castro Mota, da Universidade de Fortaleza, analisa a programação desenvolvida pelos jovens participantes do projeto. A rádio diz respeito à cultura local, pois estimula e valoriza a criação e a expressão cultural artística. Ela funciona pelo sistema de alto falantes possuindo caixinhas por toda a escola e duas cornetas instaladas nos postes no centro da comunidade. Mota defende que a rádio quebra um modelo estático e antidemocrático de comunicação, propondo um novo modelo em que o receptor não é mais passivo e irreflexivo diante do que vê, ouve e sente.

Em 2008, foram analisados 22 trabalhos. Um deles, “Comunicação e educação”, de Maria Cristina Castilho Costa, da USP, se insere no Publicom. Assim, consideramos 21 trabalhos, sendo que cinco são teóricos e os outros 16 apresentam projetos práticos. Todos os artigos teóricos apresentam a palavra Educomunicação: dois deles a entendem enquanto leitura crítica dos meios e uso das tecnologias da comunicação para a educação; um reflete sobre a Educomunicação como ferramenta para a educação à distância; um aplica o termo apenas como leitura crítica dos meios e um não determina apenas uma concepção de Educomunicação, pois apresenta todas as possibilidades já estudadas: “Sobre a educomunicação”, de Eliany Salvatierra Machado, do NCE-ECA da USP, tem o objetivo de formular um quadro teórico sobre a Educomunicação.

Infelizmente a discussão sobre a Educomunicação tem sido reduzida ao uso dos meios de comunicação, ou tecnológicos, nos espaços educativos ou as lutas de poder existentes no campo da Comunicação. No entanto, acreditamos que é justamente agora (...) é que a Educomunicação deva estar presente, apresentando outras formas de pensar, perceber e viver a própria comunicação. (MACHADO, p. 14, 2008).

Entre os artigos analisados com experiências práticas, oito deles não utilizam o termo, enquanto nos outros oito ele é estudado. Em três a palavra não aparece e o conceito também não é trabalhado. Em cinco artigos a Educomunicação é vista como o



uso das tecnologias de comunicação na educação, em seis a prática é encarada enquanto leitura crítica dos meios e em dois as duas concepções aparecem lado a lado.

No artigo “Agente Notícias – a comunicação como ferramenta do protagonismo juvenil”, de Fernanda de Mello Dias Guimarães e Sílvia Patrícia Coutinho da PUC de Campinas, apesar das autoras não utilizarem a palavra Educomunicação, elas articulam sobre a “comunicação como instrumento para educação”. “A comunicação desempenha papel fundamental na sociedade moderna e usá-la como ferramenta para o desenvolvimento do cidadão é uma forma de favorecer a formação e o protagonismo”, (GUIMARÃES e COUTINHO, p. 1, 2008).

Dos 16 projetos de 2008, cinco utilizam o rádio; quatro veículos impressos; quatro empregam diversos veículos juntos; dois aplicam meios audiovisuais e em um a fotografia foi usada. Entre eles, oito têm participação de universidades; três de ONGs; três são iniciativas das escolas e duas tem o apoio do Governo Federal.

É fundamental destacar que a prática da Educomunicação, entendida de diferentes formas, atua no âmbito das escolas públicas, mas também em iniciativas de comunicação comunitária. Destacamos que quatro projetos analisados discutem a educação em veículos alternativos de diferentes comunidades.

O artigo “Comunicação Comunitária e os jovens – uma análise da rádio comunitária do Dendê”, de Rafaela Pontes Andrade, Yohanna Nogueira Maia e Andréa Pinheiro Paiva Cavalcante da Universidade de Fortaleza, apresenta o projeto “Jovem locutor comunitário”. A proposta tinha o objetivo de capacitar jovens “no exercício de práticas cidadãs com enfoque sócio-educativo, preventivo e de entretenimento” (ANDRADE, MAIA e CAVALCANTE, p. 7, 2008). As autoras observam que a programação da rádio não abre espaço para o diálogo com a comunidade e que não há participação. O projeto, que pode ser entendido como um trabalho em Educomunicação, é proposto para incentivar a integração dos jovens nas atividades da rádio. Inicialmente, foi realizado um curso com duração de três meses com temas referentes aos aspectos históricos da rádio, à questão da linguagem e da legislação radiofônica. A intenção era que os participantes pudessem criar um programa específico ao público jovem.

## **COMPÓS**

Conforme previsto pela pesquisa, analisamos também os artigos apresentados em congressos da Compós no mesmo período. Ao todo foram selecionados 15 e devido



ao número menor decidimos por comentar o conteúdo deles de maneira conjunta. Inicialmente, tivemos dificuldade em selecionar artigos ligados à Educomunicação. Dos 15, apenas um analisa um projeto específico em que ela foi aplicada.

O artigo de Cicilia Peruzzo, da Universidade Metodista de São Paulo, “O lugar da comunicação comunitária nas políticas públicas do Brasil” cita o termo Educomunicação Popular quando se refere aos veículos de comunicação alternativos. Ela defende que a comunicação popular contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, que não só assistem à televisão ou escutam o rádio para o entretenimento. Outro exemplo é o artigo “Comunicação e comunidade: teoria e medo”, de Lavina Madeira Ribeiro. A autora estuda o conceito de cidadania, comunidade e guetos, e como eles são retratados pelos meios de comunicação de massa. O que se torna importante analisarmos visto que a leitura crítica dos meios busca modificar os estereótipos da grande mídia e transformar a maneira de enxergar esses veículos.

Ainda dentro dos trabalhos da Compós, dois têm temas relacionados à juventude. Em 2007, foi apresentado o artigo “Ter atitude: juventude líquida na pauta - um estudo sobre mídia e cultura jovem global”. A autora Sarai Schmidt analisa revistas voltadas para o público jovem. Em seu estudo, ela busca compreender como a expressão “ter atitude” se relaciona com o conceito histórico de juventude. O artigo “Fluxo midiático e cultura juvenil”, de Veneza Mayora Ronsinim apresenta reflexões sobre a representação dos jovens na mídia, sobretudo os de baixa renda. Em ambos os textos, identificamos a presença da discussão sobre a identidade dos jovens. Esse aspecto determinou que incluíssemos estes trabalhos dentro da análise.

## **COMPARAÇÃO E ANÁLISE**

Para nossa análise, ao todo foram contemplados 81 trabalhos apresentados em congressos da Intercom e dez da Compós. Chamamos a atenção para o fato de que nos congressos realizados pela Compós o tema Educomunicação ainda não aparece destacadamente. Os artigos que consideramos são aqueles que debatem assuntos pertinentes à prática, como juventude, identidade, cidadania e comunicação comunitária, mas nenhum faz reflexões sobre a relação entre as áreas de comunicação e educação. Por esse motivo, no caso da Compós ainda não é possível refletir acerca do desenvolvimento do debate sobre a Educomunicação.



No entanto, podemos fazer uma análise sobre a presença do tema nos congressos nacionais da Intercom. Consideramos para essa avaliação que grande parte dos artigos se insere nos grupos temáticos Comunicação para a Cidadania, Comunicação Educativa e Rádio e Mídia Sonora – esse último aparece em destaque uma vez que a maioria dos projetos utiliza o rádio como veículo. Não achamos possível apontar que há, de fato, uma evolução gradual em que o número de artigos apresentados aumenta a cada ano. O que percebemos é que, de 2004 a 2008, houve uma diversificação de aspectos discutidos sobre a Educomunicação e um aumento considerável de trabalhos que citam a palavra e apresentam iniciativas.

Na maior parte dos trabalhos analisados, a Educomunicação é entendida como leitura crítica dos meios, mas os projetos práticos apresentados, em grande parte, apenas trabalham o uso das tecnologias da comunicação para educação. Nesse sentido, entendemos que a discussão teórica se reforçou nos últimos anos, mas a atividade prática da Educomunicação ainda é tímida e se resume, muitas vezes, ao uso de veículos de comunicação como atrativo na sala de aula ou, ainda, apenas como espaço de comunicação dos alunos. E, a partir do momento que concluímos que as iniciativas partem de ONGs e universidades, entendemos que a Educomunicação ainda não é uma realidade nas escolas.

Identificamos em nossa análise alguns autores que são incluídos como referenciais teóricos em quase todos os artigos: Jesús Martin Barbero, Cicília Peruzzo, Juan Diaz Bordenave, Ismar de Oliveira Soares, Mario Kaplún, Maria Aparecida Baccaga, Paulo Freire, Guilherme Orozco e Denise Cogo. Sobre esse aspecto, percebemos que a produção acadêmica sobre a Educomunicação se relaciona a estudos de recepção, identidade e cidadania. As reflexões dos autores Mario Kaplún, Paulo Freire e Ismar de Oliveira Soares aparecem como referência na maioria dos artigos.

Entendemos a Educomunicação, assim como em alguns trabalhos citados, como a leitura crítica dos meios. Portanto, acreditamos que tomá-la apenas como a aplicação de tecnologias de comunicação em sala de aula é reduzi-la ao aspecto instrumental. A participação popular em todas as instâncias da vida pública, com destaque para a comunicação, é de fundamental importância para alcançarmos uma sociedade mais democrática e plural e a Educomunicação pode ser uma alternativa para alcançarmos tal participação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado, percebemos uma expansão dos estudos acerca da Educomunicação ao longo dos anos. Verificamos que o profissional da comunicação tem percebido a importância de se debater sobre a leitura crítica dos meios e bem como de dar visibilidade a projetos que vislumbrem os pressupostos que a norteiam.

A informação é de fundamental importância para que os cidadãos e cidadãs possam exercer seus direitos, afinal, para reivindicarmos um direito é preciso que saibamos de sua existência. A cidadania, como apontado por Manzini-Covre (2001:10), está ligada a prática da reivindicação, da luta por espaços.

Lembrando que as concessões dos meios de comunicação são um bem público, é imprescindível que haja participação popular nesses meios. Acreditamos que, através da participação de todos e todas na comunicação, podemos lutar por uma sociedade mais democrática e plural. A democracia no poder de comunicar é condição para a ampliação da cidadania nas suas dimensões cultural, econômica e política. Nesse sentido, a Educomunicação pode contribuir para o exercício do direito a comunicação e assim, para a cidadania.

Diante da leitura dos artigos, percebemos o papel transformador do educador, que, além de contribuir para a modificação da realidade de educandos que vivem à margem da sociedade, também participa desse processo de mudança pessoal. Mesmo que alguns projetos apresentados não tenham prosseguido após a apresentação dos artigos nos congressos, a iniciativa de divulgar projetos, como os apresentados neste trabalho, mostra a expansão do tema.

Partindo dessas discussões, é possível vislumbrar novas possibilidades para a formação de uma sociedade mais participativa, justa e crítica. A discussão do tema “educomunicação” e o debate quanto à democratização da comunicação e inclusão social em todos os ramos da nossa sociedade são cada vez mais prementes.

## Referências

ANDRADE, Rafaela Pontes; MAIA, Yohama Nogueira; PAIVA, Andréa Pinheiro. **Comunicação Comunitária e os jovens – uma análise da rádio comunitária do Dendê**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal – RN, Intercom 2008.

BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro, Campus, 1992.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é participação**. 7 ed., São Paulo, Brasiliense, 1992.

BORTOLIERO, Simone. Kaplún, educador. Biografia de um visionário. In: MELO, José Marques e outros (org). **Educomídia: avanço da cidadania**. São Bernardo do Campo: Editora da Universidade Metodista de São Paulo, 2006. p 83 –88

CAMPOS, Kamila de Mesquita; MATEUS, Elen Barbosa Mateus; MIRANDA, Karla Maria Silva. **A comunicação e a educação na promoção da inclusão digital: o caso da escola de informática e cidadania Rede Amiga da Criança**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília – DF, Intercom 2006.

COSTA, Maria Cristina Castilho. **Comunicação e educação**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal – RN, Intercom 2008.

COUTINHO, Sílvia Patrícia; GUIMARÃES, Fernanda de Mello Dias; **Agente Notícias – a comunicação como ferramenta do protagonismo juvenil**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal – RN, Intercom 2008.

DOMENEGATO, Ariane Patrícia, MORETTO, Rut Ramos, POGOZELSKI, Clélia Maria. **Educomunicação no trânsito de Cascavel: uma reflexão através de abordagem da mídia local**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre – RS, Intercom 2004.

FERREIRA, João Bosco; GARCIA, Fabiane Maia; LOBO, Narciso Júlio Freire. SILVA, Marilene Corrêa da; **Relações político-sociais da educação no Amazonas**. . In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília – DF, Intercom 2006.

FONSECA, André Azevedo. **Jornalismo para a transformação: a pedagogia de Paulo Freire aplicada às diretrizes curriculares de Comunicação Social**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, Intercom, 2005.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2007

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1985

\_\_\_\_\_. **Comunicação ou Extensão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975

\_\_\_\_\_. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1984

GOBBI, Maria Cristina; FERRARI, Maria Aparecida; MELO, José Marques de. **Educomídia, avanço da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília – DF, Intercom 2006.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni.. **A Lei de Diretrizes e Bases e o Campo da Educação**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, Intercom, 2005.

MACHADO, Eliany Salvatierra; ALVES, Patrícia Horta. **EducomRádio.Centro-oeste, uma política pública rumo a autonomia**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Brasília – DF, Intercom 2006.

MACHADO, Eliany Salvatierra. **Sobre a educação**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal – RN, Intercom 2008.



MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. 3 ed., São Paulo, Brasiliense, 1995.

MOREIRA, Reginaldo. **Vivacidade – uma experiência de produção em rádio e TV com idosos de Campinas**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos – SP, Intercom, 2007.

MOTA, Tatiana Castro. **Rádio cultura do sertão: a voz e a vez da juventude do semi-árido**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Santos – SP, Intercom, 2007.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Comunicação comunitária e educação para a cidadania**. Publicado na revista PCLA – V. 4 – n. 1, out. / nov. / dez. 2002.

\_\_\_\_\_. Ética, liberdade de imprensa, democracia e cidadania. **Revista brasileira de ciências da comunicação**. Intercom, CNPq, São Paulo, volume XXV, nº 2, julho/dezembro de 2002, p. 71-88.

\_\_\_\_\_. O lugar da comunicação comunitária nas políticas públicas do Brasil. In **Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação**. São Paulo, Compós, 2008.

RABOY, Marc. Mídia e democratização n sociedade da informação. In: MARQUES DE MELO, José e SATLER, Luciano (orgs). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005, p. 181-202.

RAMOS, Murilo César. Comunicação, direitos sociais e políticas públicas. In: MARQUES DE MELO, José e SATLER, Luciano (orgs). **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005, p. 245-254.

REZENDE, Elisa. **Olhares diversos: a produção de imagens de meninos e meninas do Morro do Cascalho**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre – RS, Intercom 2004.

RIBEIRO, Lavina Madeira. **Comunicação e comunidade: teoria e medo**. In Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação. São Bernardo do Campo – SP, Compós, 2004.

RONSIM, Veneza Mayora. **Fluxo midiático e cultura juvenil**. In Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação. São Bernardo do Campo – SP, Compós, 2004.

SCHMIDT, Sarai. **Ter atitude: juventude líquida na pauta - um estudo sobre mídia e cultura jovem global**. Associação Nacional dos Programas de Pós Graduação em Comunicação. Curitiba – PR, Compós, 2007.

SOARES, Ismar de Oliveira. **A formação do educador: 15 anos na busca de uma mais profunda relação entre o profissional da comunicação/educação e o mundo das crianças e dos adolescentes**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Rio de Janeiro, Intercom, 2005.

TEIXEIRA, Ana Paula de Moraes. **Possibilidades de gestão em ecossistemas educacionais – o contexto da rádio comunitária**. In Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Porto Alegre – RS, Intercom 2004.